

ROTAS CONVERGENTES: A METRÓPOLE E O CORPO EM TRÂNSITO**CONVERGING ROUTES: THE METROPOLIS AND THE BODY IN TRANSIT****RUTAS CONVERGENTES: LA METRÓPOLIS Y EL CUERPO EN TRÁNSITO**

*Luan Henrique Fogolari*¹

Universidade de Passo Fundo – UPF

*Claudionei Lucimar Gengnagel*²

Universidade de Passo Fundo – UPF

Resumo: Teorizar a cidade é perceber que a modernidade e as experiências urbanas são signos que se imbricam concomitantemente diante dos paradoxos comunicacionais. Diante das produções e relações empíricas da cidade e seus habitantes, este artigo busca aproximar os conceitos de cidade e corpo, utilizando para tanto as representações artísticas como forma de representatividade, luta, resistência, linguagem e discurso. Para dar conta do objetivo exposto, buscou-se referencial teórico na geografia (SANTOS, 1978), na literatura (MERLEAU-PONTY, 1975, 2004, 2006) e na arte (CANEVACCI, 1993, 2005, 2013), autores que abarcam os temas cidades, corpo e cultura. Para ilustrar tais conceitos utilizou-se a análise de uma obra grafitada, a qual é uma forma de expressão e representação dos fenômenos vividos e experienciados na cidade. Para ilustrar tais conceitos utilizou-se a análise do grafite “Resistir & Existir”, dos artistas Patrick Rigon e Renan Santos (2017), o qual é uma forma de expressão e representação dos fenômenos vividos e experienciados na cidade. Diante do exposto, a cidade abriga à arte, e pelo seu poder subjetivo constrói a vitrine para o corpo plural, e este responde com o discurso de resistência dentro e fora de si.

Palavras-chave: Cidade; Corpo; Espaço.

Abstract: Theorizing the city means realizing that modernity and urban experiences are signs that intertwine concomitantly in the face of communicational paradoxes. In view of the empirical relations and productions of the city and its inhabitants, this article seeks to bring together the concepts of city and body, using artistic representations as a form of representativeness, struggle, resistance, language and discourse. To account for the exposed objective, a theoretical reference was sought in geography (SANTOS, 1978), in literature (MERLEAU-PONTY, 1975, 2004, 2006) and in art (CANEVACCI, 1993, 2005, 2013), authors that encompass cities, body and culture themes. To illustrate these concepts, the analysis of a graffiti work was used, which is a form of expression and representation of the phenomena lived and experienced in the city. To illustrate these concepts, the analysis of the graffiti

¹ Graduado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e respectivas Literaturas. Mestre em Letras – Leitura e formação do leitor. Universidade de Passo Fundo – UPF. E-mail: luan_fogolari@hotmail.com.

² Graduado em Geografia – Licenciatura e Bacharelado. Mestre em Educação. Doutorando em Geografia. Universidade de Passo Fundo – UPF. E-mail: claudionei@upf.br.

“Resistir & Existir”, by artists Patrick Rigon and Renan Santos (2017), was used, which is a way of expressing and representing the phenomena lived and experienced in the city. Given the above, the city is home to art, and due to its subjective power, it builds the showcase for the plural body, and this responds with the discourse of resistance inside and outside itself.

Keywords: City; Body; Space.

Resumen: Teorizar la ciudad significa darse cuenta de que la modernidad y las experiencias urbanas son signos que se entrelazan concomitantemente frente a las paradojas comunicacionales. Frente a las relaciones y producciones empíricas de la ciudad y sus habitantes, este artículo busca unir los conceptos de ciudad y cuerpo, utilizando las representaciones artísticas como forma de representatividad, lucha, resistencia, lenguaje y discurso. Para dar cuenta del objetivo expuesto, se buscó un referente teórico en geografía (SANTOS, 1978), en literatura (MERLEAU-PONTY, 1975, 2004, 2006) y en arte (CANEVACCI, 1993, 2005, 2013), autores que abarcan temas de ciudades, cuerpo y cultura. Para ilustrar estos conceptos se utilizó el análisis de una obra de graffiti, que es una forma de expresión y representación de los fenómenos vividos y vividos en la ciudad. Para ilustrar estos conceptos se utilizó el análisis del graffiti “Resistir & Existir”, de los artistas Patrick Rigon y Renan Santos (2017), que es una forma de expresar y representar los fenómenos vividos y vividos en la ciudad. Ante lo anterior, la ciudad es hogar del arte, y por su poder subjetivo, construye el escaparate del cuerpo plural, y éste responde con el discurso de resistencia dentro y fuera de sí mismo.

Palabras clave: Ciudad; Cuerpo; Espacio.

1. INTRODUÇÃO

O fato social se aproxima cada vez mais do estético, as invenções e intervenções socioculturais acabam desempenhando o fator principal para criação do imaginário contemporâneo, desta forma contribuindo para o processo (in)coerente da harmonia entre o homem, corpo e a polis. Teorizar a cidade é perceber que a modernidade e as experiências urbanas são signos que se imbricam concomitantemente diante dos paradoxos comunicacionais dotados de densidades históricas. Assim como o homem, que constituiu e delimita-se perante a sua interação com a urbe, o corpo, de maneira mais complexa, assume a estética da dúvida, instituindo uma reflexão política e social de um novo projeto de ser e estar.

Pode-se entender o espaço urbano como um universo imaginário em processo constante de mutabilidade, pois é nele que surgem os intercâmbios (i) materiais do corpo diante das cíclicas formações simbólicas das contradições de sua formação e seus signos, assim

construindo um verdadeiro espetáculo, suas composições, desenvoltura e história denotam a urgente unilateralidade que delimita e escreve o cotidiano.

Através da observação do corpo dentro da cidade que se delimita o trânsito da multiculturalidade. Nesse sentido, o objetivo do presente texto é aproximar os conceitos de cidade e corpo, utilizando para tanto as representações artísticas como forma de representatividade, luta, resistência, linguagem e discurso. Para dar conta do objetivo exposto, buscou-se referencial teórico na geografia (SANTOS, 1978), na literatura (MERLEAU-PONTY, 1975, 2004, 2006) e na arte (CANEVACCI, 1993, 2005, 2013), autores que abarcam os temas cidades, corpo e cultura. Para ilustrar tais conceitos utilizou-se a análise de uma obra grafitada, a qual é uma forma de expressão e representação dos fenômenos vividos e experienciados na cidade.

Nesse sentido, compreende-se que a cidade não possui uma única narrativa cultural e sim, parte para o jogo “fracional” das diversas polifonias que depreendem através da descentralização urbana e abre-se espaço para a emergência de novos movimentos de exploração de etnografias culturais contemporâneas. Como afirma Canclini:

Este tipo de aproximação tem conseqüências para a construção da cidadania cultural, porque esta cidadania não se organiza somente sobre princípios políticos, segundo a participação “real” em estruturas jurídicas ou sociais, mas também a partir de uma cultura formada nos atos e interações cotidianos, e em projeção imaginária desses atos em mapas mentais da vida urbana (CANCLINI, 1997, p. 96).

Diante do exposto, a cidade torna-se texto através da sua capacidade de imprimir múltiplas linguagens, o corpo surge na urbe como espaço de experimentação estética que suscita letras e experiências para escrever e reverberar diálogos antes sufocados pela hegemonia de uma única unidade nacional. Unidade essa que fora a precursora na construção de estigmas e preconceitos de sociedades modernas que incutia o caráter do que deveria ser considerada cultura, selecionando o singular do heterogêneo. Não há mais limites para as relações entre a cidade e homem, seus signos se bifurcam em linguagens e é diante desse processo imaginativo que se pode compreender a literariedade como um suporte importantíssimo para os estudos culturais em relação à ecologia humana-urbana.

Cabe aqui ressaltar a importância da criação de novos discursos artísticos, resultado das dissoluções das identidades de gênero, antes restritas somente ao masculino e feminino, agora plurais, que emergem dos múltiplos cruzamentos culturais e ideológicos que os espaços urbanos possibilitam, através da convergência dialógica. A cidade, antes conhecida como *locus* de conflito, torna-se a plataforma de percepções espaço-temporais complexas através das

apropriações artísticas dos espaços urbanos, os quais, agora, se solidificam como o *locus* da experiência. Milton Santos contribui afirmando que a cidade se localiza em um espaço, sendo que este

[...] deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida [...] o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente [...] o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

Desta forma, corpo e espaço são observados em fluxos móveis através das culturas que nascem diante das produções artísticas contemporâneas, que, por sua vez, tornam-se plurais, fragmentadas, desmistificando e contrariando figuras identitárias criadas e aprisionadas como únicas, seja por processos enraizados de sistemas industriais, religiosos e biológicos.

Assim, a produção cultural é contemporânea, híbrida, disjuntiva e nasce da relação entre as novas identidades de gênero, corpo e metrópole. Percebe-se o desaparecimento da natureza marginalizada das subculturas não podendo mais categorizá-las de modo simplista e unitário, através de segmentos homogêneos. Portanto, a dissolução da ideia de “caráter nacional” obriga o “eu” a transitar entre espaços multiculturais, dando origem a outros “eus”, abrindo caminhos polifônicos não mais passíveis de serem enraizados.

Nesta transitividade o que se pode perceber são as dissonâncias intermináveis das possibilidades poéticas através das individualidades de cada sujeito, a metrópole surge como nação, dentro da nação, com o seu fluxo interminável, suscita a necessidade da transitoriedade das coisas. O corpo experimenta vorazmente novas possibilidades de representação e abriga em si as partes de uma dissolução da cultura centrada nacional. Deglutina e devolve ao espaço a descentralização, antropofagia, e recria e privilegia em si uma autoafirmação de expressões multiculturais. Não se é mais unitário, torna-se fragmentado, plural, diante de representações socioculturais contemporâneas às quais se identifica, interage, prossegue, torna-se pós-orgânico, político, poético, gritando narrativas.

2. A CIDADE

Mais que um simples oásis do caos, de fruição e de velocidade, a cidade para muito além de uma paisagem geográfica se desdobra, se exhibe, se manifesta, como um símbolo inesgotável de progressivas conexões. Para Claval (1981, p. 4) a cidade é “[...] uma organização

destinada a maximizar a interação social”. Assim, não é mais um território urbano passível, facilmente delimitado. É preciso observá-la como um organismo vivo, que se alimenta dos movimentos contemporâneos, da comunicação, da tecnologia e do homem. Desta forma, é cabível e faz-se necessário um realinhamento das culturas não mais consideradas urbanas, sociodemográficas e espaciais, mas uma definição social, cultural e comunicacional.

Através de estudos culturais que começam a ocorrer tangíveis desmoronamentos demográficos diante das mutações que ocorrem nos grandes centros e suas zonas de tensões e convergências culturais. O que antes era um espaço zelado para um determinado coletivo revela-se passível de novas interações e interpretações a partir de cruzamentos transculturais. A cidade deixa de ser um estado formado com princípios meramente civis através da mutabilidade da modernidade, fascinando e seduzindo o “eu” através de fetiches e ideologias que se interligam em um processo de dissolução etnocêntricas e ideológicas dando espaço para o cruzamento de inúmeras alteridades plurais. Esse fenômeno ocorre diante da coexistência da migração e da interligação de múltiplas culturas urbanas e seus imbricamentos.

A cidade grita, seja por estrutura, arquitetura ou fluxo, imprime uma carnavalização antagônica para corpo, plural, diaspórico³, que está em constante desconstrução e caminha, estrangeiro, mutante e desenraizado, através de indicadores que delimitam trajetos, ecoam múltiplas vozes dialógicas, incitando em coros polifônicos, estruturas narrativas únicas, através de itinerários visuais, materiais e sonoros que se cruzam, se fundem em linhas dissonantes. A cidade é polifônica, como afirma Massimo Canevacci,

[...] significa que a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam; e também designa uma determinada escola metodológica de “dar voz a muitas vozes”, experimentando assim um enfoque polifônico com o qual pode representar o mesmo objeto – justamente a comunicação urbana. *A polifonia está no objeto e no método* (CANEVACCI, 1993, p. 30, grifo do autor).

O espaço torna-se signo, pluraliza-se através de recortes, apliques e colagens, o que o torna mutável, transformando-se em uma espécie de carteira de identidade que determina uma constituição interminável e que não suporta apenas um único significado. O que primeira vista pode apenas parecer um conjunto ou amontoado de ícones díspares na verdade constrói um

³ “As identidades-diaspóricas exprimem desafios e irregularidades em relação à ordem administrativa estatal anfitriã. Frequentemente as formas linguísticas ou artísticas dos desafios exprimem misturas sincréticas. Afastar-se das próprias origens, de uma identidade inicial e de uma cultura ligada a ela; aventuras no desconhecido e com o risco de modificar a própria sensibilidade; ter identidades diferentes, sobrepor a velha às novas, sentir a expansão de si próprio.” (CANEVACCI, 2013, p. 110).

conjunto pleno de sentido, contribuindo para fazer parte de um novo processo de ressignificação móvel e dinâmico através das relações dialógicas entre o homem e a cidade.

A arte é um lugar de intercâmbio que engole e deglutina o corpo plural, diaspórico, e lhe confere os múltiplos léxicos diante da mutabilidade microssômica através dos extremos difusos e polifônicos da metrópole. Legitima-se os cruzamentos sociais, culturais e políticos através da simultaneidade das trocas aplicadas ao contexto urbano em uma espécie de antropofagia espaço-temporal. Constrói-se assim uma lógica através dos processos interativos de espetacularização da cidade, do corpo e da cultura.

Diante do exposto, Claval (1981, p. 53) afirma que a cidade “[...] encontraria seu dinamismo na necessidade de interação. Assim, faz-se necessário compreender que o aspecto crucial dessa configuração contemporânea das cidades é o empoderamento da experiência urbana dos seus habitantes. Portanto, cabe salientar a urbe como espaço de participação civil, de produção criativa e vivência coletiva. Nesse processo de desterritorialização física e ideológica, proeminentes do advento da modernidade, o corpo assume o elo de resistência plural à estética acrítica e segregadora antes delimitada ao espaço público.

Em linha homóloga, a retomada das ruas em tempos modernos, a homogeneização dos discursos ativistas decorrentes da (re) habitação dos espaços públicos contrariam a ideia de que em tempos pós modernos os hábitos cotidianos estariam voltados somente para o agora, excluindo por vez o aqui. A retomada da urbe vem extrapolando os espaços antes delimitados pelo estado, caminhando em direção a novas cartografias, colonizando espaços e destruindo barreiras através dos ativismos sociais urbanos que tecem novas tramas, (re) criam histórias, através das ruas. Segundo Milton Santos (1978, p. 122) esse espaço é “um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”.

Embora pareça ter um único rosto, a polis pós-moderna torna-se infinita através da interação do/com o corpo, plural, diaspórico, que para ser, precisa estar, interagir com as metáforas dissonantes que a urbe suscita. Assim, diante das convergências multiculturais e polissêmicas do espaço/outro, o corpo reflete e assume sua existência como “eu”.

3. O CORPO

Através das inúmeras possibilidades polifônicas a metrópole contraria a distinção dicotômica do corpo plural, diaspórico, orgânico/inorgânico e precede novas construções

ideológicas atravessadas pela modernidade. O que aparece de fato é uma identidade pós-orgânica que transita através dos fragmentos corpóreos, fluídos, materiais e imateriais, libertando-se da decadente filosofia do futuro, da única identidade, influenciando uma libertação dos corpos, símbolos e ideologias, antes restritos ao imaginário utópico, agora do presente diante da multiculturalidade. Ou seja, o corpo passa de mero observador para integrante, de coabitante à habitante, em uma forma de (re) existência e empoderamento das pluralidades. Somem aqui os obstáculos entre o corpo-unitário, corpo-outro, corpo-metrópole. Surgem de fato “os fluxos multilinguísticos corpóreos, das metrópoles comunicacionais (imateriais), o fluir dos plurais difunde o prazer sob as formas eXtremas⁴ das diferenças.” (CANEVACCI, 2005, p. 49).

Nessa discussão do corpo (re) inserido na sociedade é necessário compreender que o espaço corporal e o espaço exterior funcionam e relacionam-se como uma única identidade dialógica. Desta forma, o corpo em movimento, em trânsito, é o que permite a compreensão da relação espaço-tempo, já que, quando inserido e ativo este assume a função de agente nas relações espaço-temporais, diante da banalidade, inter-relações e sensações conferidas ao cotidiano da urbe.

O corpo plural na cidade subscreve e recria novas experiências, que surgem quando o espaço se torna objeto, e finalmente o eu assume como lugar, uma espacialidade primordial no qual a primeira característica é tornar-se um invólucro que se confunde, se transforma, e escreve-se com o próprio ser do corpo. Ou seja, o “se” corpo “é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço.” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 205).

Portanto, quando inserido através das experiências sociais é preciso admitir que o espaço e o mundo são construções imagéticas e não estritamente “materiais”. Espaço e tempo se constituem dialeticamente enquanto signo e processo através da experiência humana corporificada. Por conta da fluidez, da fragmentação e da mutabilidade dessa entidade que se relaciona em múltiplos processos performativos, disponíveis em um dado tempo e lugar, através de diversas formas: físicas, sociais, culturais e imateriais, o corpo ganha forma, logo, então, “é”. Nesse contexto, Merleau-Ponty cita:

⁴ O eXtremo deve ser compreendido, de acordo com o conceito de Canevacci, como algo que “extrapola qualquer dicotomia, toda simplificação redutora, qualquer holismo que esteja ressurgindo. A multiplicação dos espaços e interzonas contra fixidez dos lugares é este outro lado que está nascendo da metrópole contemporânea – lado móvel e transitivo – sobre o qual se envolve o lugar.” (CANEVACCI, 2005, p. 53).

As coisas não são, portanto, simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis, e é por isso que os gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter à sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde aprecia passear (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 23).

Neste trânsito relacional, o homem torna-se agente, assume a ideia de que a humanidade não é somente um aglomerado de indivíduos. Compreende que o espaço, o mundo e a cidade, são construções intersubjetivas resultante da interação dialógica entre os sujeitos, já que seus símbolos e signos, emergem dos outros corpos, que contém um conjunto de possibilidades, resultante da interação que somente a urbe pode proporcionar. Através dessas convergências e intercâmbios, o corpo plural, orgânico, apropria-se da cidade, a qual deixa de ser cenário, dando a ela “corpo”, conforme é vivenciada e praticada.

Dessa relação surge uma nova forma de apreensão e representação corpórea, híbrida, consequência da reflexão, apropriação e desestabilização das fronteiras. O corpo orgânico assume forma da resistência à espetacularização, o oposto da mercadoria, imagem ou simulacro, através dos desvios e possibilidades das cidades contemporâneas.

O corpo plural e a cidade se configuram mutuamente, assim, esses corpos imbricados produzem novas linguagens e símbolos que ficam subscritos na pele urbana, e contribuem para um novo traçado nos (des) caminhos das metrópoles, da mesma forma que as memórias e experiências (i) materiais da urbe delineiam escrituras e reestruturam a organicidade do eu. A partir dessa premissa, Merleau-Ponty afirma que

Voltamos a ficar atentos ao espaço onde nos situamos e que só é considerado segundo uma perspectiva limitada, a nossa, mas que é também nossa residência e com o qual mantemos relações carnis - redescobrimos em cada coisa um certo estilo de ser que a torna um espelho das condutas humanas (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 29).

Assim, a experiência urbana fica grafada no corpo orgânico através das diversas e disjuntivas escalas de temporalidade através da experimentação. A cidade é compreendida pelos corpos como espaço de convergência ideológica e cultural. Torna-se terreno fértil através das relações interativas para legitimação e apropriação de experiências que favorecem a produção de novos sentidos de ser e estar.

É preciso lembrar que por séculos, por exemplo, atabaques, pandeiros e violões davam o tom das batidas, enquanto homens e mulheres oprimidos, em subúrbios, reunidos em grupos distintos, segregados, festejavam, e com arte praticavam a resistência bem debaixo do nariz de seus algozes.

Ao observar os acontecimentos que emergem no século XXI, nota-se que alguns elementos mudaram nas cidades. A velocidade ilustra isso, pois as pessoas caminham apressadamente, são corpos dissonantes, agora plurais, fluídos, andam, por hora, sem tantas preocupações pela urbe, sendo, agindo, resistindo. Deixando de lado as regiões periféricas, e tomando de fato, o que é seu, os espaços públicos.

Avançando conceitualmente, percebe-se que um sinônimo da palavra arte é resistir. Desta forma, ela tem o poder de observar, catalisar e deglutinar questões resultantes das zonas de tensão social e surgir como forma de questionamento em meio à urbe, abrir diálogos e novos contextos para as inquietudes sociais.

Conhecida anteriormente como contracultura, a arte como forma de resistência, assume o poder político e social de engajamento das classes, antes consideradas como minoritárias, excluídas e marginalizadas, torna-se instrumento e voz aos corpos plurais, esquecidos proporcionando a migração ascendente da retomada dos territórios de convergência da urbe. Parafraseando Massimo Canevacci (2013), ao pensar em contracultura, não mais podemos pensar que existe nela uma categoria geral que possa englobar as identidades, a cidade e os corpos ao longo de segmentos homogêneos através do caráter nacional e territorial. Cabe aqui perceber que não existe mais uma forma dominante, mas sim um emaranhado de atravessamentos e, com isso, através da migração dos corpos plurais, o transitar entre novas formas e “eus” de difícil categorização.

Tal fluxo pode ser marcado pelo movimento LGBTQIA+⁵, pelos negros, pelas mulheres e pelos jovens, ou seja, aqueles que interagem e estão rompendo barreiras nas zonas de tensão e de trânsito entre os diversos territórios da urbe. Estes movimentos são criados pelo direito de existir, assim criam-se obras, coletivos, debates e manifestos através da cidade para que as lutas sociais ganhem visibilidade.

As pinturas, os grafites, as letras de músicas e os videoclipes tornam-se símbolos dessa relação entre as pluralidades corpóreas e a cidade. O espectador é instado em um mergulho questionador, durante seu trânsito pela metrópole, por meio da polifonia dos ícones que depreendem dessas múltiplas linguagens e de suas frequências, através do estímulo sinestésico, que extrapolam questões unitárias ligadas somente a um determinado grupo. A cidade se comunica através de sua pele, conta histórias, delimitando uma etnografia comunicacional. Nessa linha, Canevacci (2005, p. 50) afirma que “os conceitos devem ser forçados a abrir

⁵ Sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual. O símbolo mais (+) representa todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou de identidade de gênero que existam.

significados e leituras plurais. Forçar conceitos significa distorcer suas muitas pluralidades sensoriais. De timbre, mais que filológicas.”

4. O GRAFITE COMO MANIFESTAÇÃO PARA ALÉM DO CORPO

Grafite é resistência por natureza. Para ilustrar a importância dessa manifestação cita-se a obra “Resistir & Existir”, mural pintado no ano de 2017 pelos artistas Patrick Rigon e Renan Santos em parceria com a campanha da marca de bebidas Absolut “Arte Resiste”. A obra localiza-se junto ao Minhocão, no centro de São Paulo e retrata as cantoras Linn da Quebrada e As Bahias (Assucena e Raquel Virgínia), as quais dão voz e visibilidade à comunidade LGBTQIA+ pelo direito de igualdade e liberdade (Figura 1).

Figura 1 – A obra Resistir & Existir de Parick Rigon e Renan Santos.



Fonte: ABSOLUT ART RESISTANCE, 2018, p. s/n.

Inspirada em retratos franceses do século XIX e no universo de Lewis Carroll, a obra mistura figuras humanas e animais, para trazer à tona discussões sobre identidade de gênero, lugar de fala, representatividade dos corpos plurais e resistência artística.

No que se refere ao conceito de lugar de fala é preciso observar a estrutura vem sendo criada através do reconhecimento das diversas vozes que ecoam dos sujeitos invisibilizados por uma sociedade patriarcal. Muito utilizado por ativistas dos direitos feministas, negros e LGBTQIA+, essa concepção se estrutura através da normatização do direito à retórica, as múltiplas identidades e aos corpos, regulamentando diferentes narrativas, antes sufocadas pela supremacia branca e heterossexual. Segundo Djamilia Ribeiro,

Para descolonizar o conhecimento, precisamos nos ater à identidade social, não somente para evidenciar como o projeto de colonização tem criado essas identidades, mas para mostrar como certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas (RIBEIRO, 2017, p. 19).

A obra como forma de ícone da mutabilidade da territorialidade da cidade em relação às transformações e ocupações territoriais da luta de resistências dos corpos plurais, extrapola qualquer dicotomia, redução e holismo que ressurgja, através da multiplicação do diálogo da metrópole contemporânea a partir do seu lado móvel. Ou seja, o conceito dialético entre urbe, corpo e “eus” se tornam infinitos à medida que a linguagem e o discurso se tornam visuais, (i)materiais: “Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 269).

Os corpos negros e trans traçados pelas tintas do mural suscitam a crítica à ordem vigente da sociedade. Segundo essa lógica a obra pretende problematizar a descentralização de concepções normativas, e com isso imprimir através das marcas no concreto a subversão do corpo que cruza as fronteiras normativas dos gêneros e das sexualidades, se constituindo como um espaço político.

A representação dessas experiências transcritas no grafite do centro da maior cidade do país constrói a plataforma de sociabilidade de um movimento que busca através da arte/performance romper a barreira da comunicação e busca o debate público. Nos traços que misturam o real e o onírico, o discurso de gênero é exposto para além da mera representação de papéis normatizados pela sociedade. Nessa visão, o masculino e o feminino passam a desempenhar performances capazes de produzir uma transformação nos conceitos de sexo e identidade.

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da

dominação masculina e da heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2010, p. 201. Grifos da autora)

Pelo viés da arte de/na rua, como no caso do movimento “a arte resiste”, as barreiras e as narratividades corpóreas começam a ser rompidas, a expressividade e a experimentação surgem como a estética, o discurso e o empoderamento e com eles o tom para o questionamento social perante o preconceito. O corpo e a arte se tornam políticos, mutantes, simbióticos, aplicando à cidade, antes segregada, agora preenchida através de formas singulares e sensíveis.

As barreiras, do que antes era conhecido como “caráter nacional” e único, que favorecem o preconceito e que reforçam os estereótipos, são questionados e repensados diante dos cruzamentos das diversas subculturas, que eclodem e se espalham na pele da cidade através da possibilidade das múltiplas vozes e identidades dos eXtremos que se encontram. É nesse sentido que assegura Massimo Canevacci (2005, p. 50), “eXtremos são espaços imateriais e comunicacionais, não porque ali se praticam tabus sexuais antidemográficos datados, mas porque qualquer distinção urbana dicotômica terminou, e entre um corpo, uma tecnologia um edifício há cada vez mais estreitas afinidades: apaixonadas diferenças se entrelaçam.”

O corpo familiar passa a ser questionado por meio da pluralidade e fluidez dos corpos suscitados pela contemporaneidade e pelas convergências que a metrópole comunicacional proporciona. Desta forma, a cidade abriga a arte, e pelo seu poder subjetivo constrói a vitrine para o corpo plural, e este responde com o discurso de resistência dentro e fora de si. E suas manifestações tornam-se ponte de interlocução nas zonas de convergência rompendo com as estruturas territoriais. Portanto, se arte é diálogo, cabe perceber que sua acepção deixa de ser ficção para se tornar fricção. O mural “Resistir & Existir”, grafitado em uma das ruas mais movimentadas de São Paulo, torna-se o ícone do contato e dele surge o dialogismo. Merleau-Ponty reitera o social na relação das ações corporais como a produção de significados, que não é resultado de uma consciência transcendental ou constituinte, mas do engajamento do corpo-sujeito com o espaço, já que “Pode-se dizer ao pé da letra que o espaço se sabe a si mesmo através do meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 437).

Este suporte extrapola o quadro comunicacional apenas das questões de identidade de gênero, ele se transforma em um gigantesco trânsito linguístico entre as múltiplas vozes e culturas silenciadas pelo cotidiano. Esse mosaico polifônico se configura através da mistura antropológica, das sensações e das experimentações e diante de seu reflexo polissêmico capaz de atravessar a todos que com ele cruzam. Nesta perspectiva, o olhar recai sobre a cidade e suas representações, é basicamente ler os textos que se formam a partir dela, considerando as suas

estruturas, paisagens simbólicas, os dados culturais e tipos corpóreos. Santos contribui ao afirmar que

[...] o espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, [...] o espaço evolui pelo movimento da sociedade total (1978, p. 171).

A partir disso, tem-se o imaginário e a memória, a memória da cidade e cidade da memória. Surge, então, uma situação dialógica onde os dois interlocutores, o corpo e a urbe, geram grafias formando uma cartografia lexical, um ícone múltiplo que é capaz de manifestar a tensão entre a lógica geométrica e o intrincado jogo de existências humanas.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: FLUXOS INTERMINÁVEIS

O corpo e a cidade, não necessariamente nessa ordem, mas como um só, são únicos, híbridos, construídos através de múltiplos sistemas, de memórias, espaços e vozes. Juntos formam um elemento que se caracteriza como traço decisivo da contemporaneidade. Nesse cruzamento se configuram através do fenômeno da multiplicidade conjugado aos movimentos das culturas que se libertam para abrir alas para os fluxos desordenados e polifônicos da comunicação.

Através dos deslocamentos das culturas, esses cenários urbanos descentralizados e desenraizados apontam para um sentido mais amplo, na mesma proporção do deslocamento corpóreo, político e discursivo, diante da ruptura do sentido de pertencimento de um único espaço-tempo. A distinção dicotômica do orgânico e inorgânico se exaure nesses espaços intermináveis. Não existe mais supressão dos vestígios do corpo/indivíduo só na cidade, mas as inúmeras vozes que se formam no contorno desse uno e que o atravessam, é dele, e a partir dele que nasce uma nova forma de identidade, “móvel e fluída que incorporou os muitos fragmentos que – no espaço e temporário de suas relações possíveis como seu eu ou com o outro se ‘veste’ ou se ‘transveste’ de acordo com as circunstâncias.” (CANEVACCI, 2005, p. 34).

Considerando, assim, que a cidade é o espaço em que o fato e a imaginação, o corpo e o concreto se fundem através do fragmentário, do descontínuo, das diferenças e dos discursos, nos cabe refletir sobre como a polifonia intrínseca das artes cenarizam e articulam a multiplicidade de ícones na busca de grafar na sua pele a impressão da contemporaneidade.

Pode-se observar que essas narratividades eclodem dos cruzamentos das diversas culturas. Assim, as culturas eXtremas são o reflexo da transitoriedade e colisões entre as camadas, antes disjuntivas, agora híbridas, coletivas, que desterritorializam as subculturas, ganham fluxos, se misturam e se fundem. É nesse emaranhado de fluxos que a cidade se torna pluriversa e interminável.

6. REFERÊNCIAS

ABSOLUT ART RESISTANCE. Disponível em: < <https://www.absolutartresistance.com.br/>>
Acesso em: 24 de março de 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CANCLINI, Néstor García. *Imagários urbanos*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1997.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica*: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas*: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Tradução Albi Olmi. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

CANEVACCI, Massimo. *SincretiKa*. Explorações etnográficas sobre artes contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, 2013.

CLAVAL, Paul. *La logique des villes*. Paris: Litec, 1981.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas - 1948*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O Filósofo e sua Sombra. In: *Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: Lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

Recebido em 07/03/2020.

Aceito em 19/12/2020.

Publicado em 30/04/2021.